

Crise e eleitores

• As campanhas dos dois principais candidatos a presidente têm avaliações distintas sobre a percepção e o sentimento do eleitor em relação à crise mundial. A de Fernando Henrique pressupõe que o assunto não está na agenda da população. Logo, seria jogar pedra para cima tratar dele na televisão. A de Lula decidiu dramatizar a questão, apostando em que a percepção da instabilidade resultará em decepção com o presidente.

O publicitário Nizan Guanaes, que dirige a campanha televisiva de FH, fala como se consultasse um radar secreto sobre o inconsciente das massas. Hoje ele está certo de que, por mais que a Venezuela seja aqui ao lado, para a grande maioria do eleitorado a crise ainda é uma notícia externa que não diz respeito ao cotidiano. Por ora, não vai problematizar o que ainda não é problema. Se em algum momento, que ele espera não viver, uma outra situação se configurar, nova linguagem será adotada. Se o adversário Lula quiser levar o assunto para seus programas, só será respondido se transgredir as regras da disputa. Chega a insinuar que o adversário pode perder um precioso tempo falando disso, mas logo seu superego entra em ação: não está aí para dar palpite sobre a campanha do adversário. A ordem é tratar Lula sem arrogância e sem subserviência.

Já a entrevista coletiva de Lula ontem em São Paulo, e o discurso vigoroso que fez em Brasília no ato da CNTI (onde impressionou pelos dados que desfiou) confirmam sua aposta na crise como fator eleitoral, embora ressalve sempre que ninguém ganha com ela.

Lula pensa exatamente o

oposto de Nizan. Que com o país vivendo há meses no papel de "bola da vez", setores crescentes da sociedade já fazem a ligação entre a política econômica e problemas domésticos como o desemprego. Seu papel é despertar o coletivo. Leu para o auditório a declaração do vice-presidente da Fiesp, Roberto Nicolau, de que o empresariado nacional é uma raça em extinção, tangida ao matadouro pela importação predatória.

— Não sou contra a globalização, mas devemos entrar nela com cara própria e não com a cara lambida, como faz este Governo sem força na Organização Mundial do Comércio.

Mas Lula, talvez por conhecer a força do preconceito contra "um igual" como ele, e o gosto do povo brasileiro por "um doutor", já escalou seu time de economistas para falar do assunto. Nos próximos dias gravarão para seu programa figuras como Maria da Conceição Tavares, Luciano Coutinho, Jorge Mattoso, Guido Mantega, Paul Singer e dizem que até mesmo Celso Furtado, velho amigo de FH. Esclarece que falará da crise sem abandonar a agenda social, seu mais forte contraponto com o presidente.

Se o eleitor vai se interessar pela crise, os dias dirão.